



Imprimir

Fechar

ELEIÇÕES BRASIL

## Primeiro Brasil classe média vota "sim" na candidata popular

por Cláudia Garcia e Joana Azevedo Viana, Publicado em 04 de Outubro de 2010

Os números mostram ainda mais parecenças entre Dilma e Lula: o presidente do Brasil nunca ganhou na primeira volta. Dilma também não conseguiu. Foi logo a tendência das primeiras projecções na noite eleitoral deste Domingo.

"Erradicar toda a pobreza do Brasil" foi a frase que, depois de duas tentativas falhadas contra Fernando Henrique Cardoso, caiu nas graças dos brasileiros e levou Lula da Silva ao Planalto em 2002. O PT (Partido dos Trabalhadores) fez as contas e Dilma Rousseff, sucessora oficial de Lula, anunciou os resultados durante a campanha: vinte e oito milhões de pessoas saíram do limiar da pobreza - menos de um quarto do salário mínimo brasileiro, 510 reais (219 euros) - e ascenderam à nova classe média brasileira; o governo de Lula criou 13 milhões de empregos e o crédito representou, em 2009, 45% do PIB do país.

"O crescimento do país tem sido alimentado pela subida dos preços, pelo aumento do gasto público e pela grande procura de commodities brasileiras", escreveu Juan Carlos Hidalgo, coordenador de projectos para a América Latina no Centro para a Liberdade e Prosperidade Global do Cato Institute, no artigo de opinião publicado no *i*.

Contas feitas, o Brasil conseguiu passar despercebido à crise mundial de 2008, a economia continua a crescer, a pobreza a diminuir e sem surpresas, a maioria dos brasileiros votou na continuidade, elegendo Dilma Rousseff presidente. Apesar de alguns especialistas defenderem que a "estabilidade" brasileira só foi possível pelas reformas implementadas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso do PSDB (1995-2003), que combateram eficazmente a inflação. "Agora a prioridade é criar todas as condições para erradicar a pobreza", explicou ao *i* fonte oficial do gabinete de Dilma Rousseff. O discurso mantém-se. "O Brasil tem todas as condições para ser uma das maiores potências mundiais, mas para isso precisa de eliminar definitivamente toda a pobreza", continua a mesma fonte.

Lula não conseguiu em oito anos cumprir o objectivo que se propôs, mas percorreu mais de metade do caminho, segundo as estatísticas apresentadas na campanha. Agora Dilma Rousseff aumenta a fasquia e assegura que mais 19 milhões de brasileiros vão ter um bilhete garantido para a classe média A ou B nos próximos quatro anos. A fórmula? "Vamos dar continuidade ao projecto de crescimento com distribuição". As promessas de campanha, idênticas àquelas que foram realizadas por Lula e que produziram efeitos positivos no país, garantiram a vitória a Dilma nas eleições. Mas a satisfação brasileiros não resulta na negligência da população.

"As barreiras comerciais continuam muito elevadas, especialmente sobre os produtos industrializados", avisa Juan Carlos Hidalgo. O especialista em comércio e política internacional crítica a falta de disponibilidade dos candidatos para discutir a necessidade de reformas. "Dilma parece ainda mais inclinada para o intervencionismo do que o presidente Lula, mas os brasileiros não se importam." E acrescenta: "O Brasil só será uma potência económica se desenvolver a sua economia de mercado." As dúvidas sobre o futuro do governo do PT não são restritas ao mundo económico. Alguns brasileiros ouvidos pelo *i*, durante a campanha, em Lisboa e em São Paulo, apontaram críticas ao governo do PT. O principal factor de reprovação de Lula são as políticas "populares" que beneficiam o "povo que vive demasiado acomodado" e, houve quem dissesse mesmo que permitem a "vagabundagem".

Contactada pelo *i*, Eliane Cantanhêde, a principal colunista de política do "Folha de São Paulo", disse que "os principais redutos de Lula e Dilma são Norte e Nordeste, que concentram a população mais pobre, menos escolarizada e mais favorecida com a Bolsa Família, um programa de distribuição de rendimentos." De acordo com a jornalista, no Sul o eleitorado é "mais sofisticado", com maior escolaridade e rendimentos e isso "reflecte-se em mais polémica, mais debate e portanto, numa divisão maior de votos."

Hidalgo realçou ainda que a grande maioria dos brasileiros (75%) defende a livre economia de mercado, "mesmo que haja desigualdade de rendimentos". O especialista considera que o Brasil enfrenta tributos muito altos que "sufocam" o empreendedorismo no país.

A política de José Serra é à imagem do PSDB menos popular, menos "virada para o povo", menos

intervencionista e mais reguladora. O candidato do PSDB afirmou durante a campanha que o Brasil precisava de financiar novos investimentos para continuar a crescer. Serra não se opõem a um Estado activo e chegou mesmo a definir um Estado ideal: "Musculoso, mas não inchado". Alguns especialistas apostavam que um governo liderado por Serra estimularia as grandes empresas privadas a produzirem no país, à semelhança do que aconteceu com a indústria automóvel e de telecomunicações.

Ontem cerca de 130 milhões votaram num ambiente de prosperidade, depois de uma campanha com muitas fragilidades, em que os candidatos dedicaram mais tempo aos ataques pessoais e marketing político. "Não dá para votar pela eternização no poder de um grupo político, ao custo do enfraquecimento das instituições democráticas": a frase do editor da "Veja" é esclarecedora.

---

Imprimir Fechar